

## A ORIGEM DAS RAÇAS PELA SOCIEDADE TEOSÓFICA: UMA ANÁLISE DA LITERATURA TEOSOFISTA

THE ORIGIN OF THE RACES BY THEOSOPHICAL SOCIETY: AN ANALYSIS OF THE  
THEOSOPHICAL LITERATURE

Luis Paulo dos Santos de Castro<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo procura demonstrar a construção da literatura espiritualista produzida pela Sociedade Teosófica baseada no darwinismo social do século XIX, movimento espiritualista que surgiu nos EUA e se espalhou pelo mundo até os dias de hoje. O estudo identificou os aspectos racistas e evolucionistas da doutrina teosófica nas principais obras do grupo e o legado que estes deixaram para outras ideologias espiritualistas e nacionalistas. Concluiu-se que estes aspectos racistas da teosofia se manifestam na inferiorização dos grupos africano, asiáticos e ameríndios; há uma exaltação aos brancos ou arianos, porém não se prega exatamente o extermínio de negros, asiáticos ou indígenas, possuindo na verdade um discurso civilizatório evolucionista, onde acreditam em uma evolução gradual das raças, sendo a mais avançada, a branca indo-europeia.

**Palavras-chave:** esoterismo; racismo; espiritualismo; teosofia.

**Abstract:** This article aims to study the construction of spiritual literature produced by the Theosophical Society, based on Social Darwinism in nineteenth century spiritualist movement that emerged in the USA and has spread around the world until today. The study identified racist aspects and evolutionists ideas of the theosophical doctrine in the major literary works of the group and the legacy they have left for other spiritual and nationalist ideologies. It was concluded that these racist aspects of theosophy are

---

Artigo recebido em 10/11/2016. Aprovado em 22/11/2016.

<sup>1</sup> Licenciado em História, especialista em História Contemporânea pela Faculdade Integrada Brasil Amazônia e mestrando em Ciências da Religião na Universidade do Estado do Pará.

manifested in a kind of inferiority of African and Amerindian groups, in other way there is an exaltation of white or Aryan race, but not to preach the extermination of Africans, Asians or Amerindians people, having actually an evolutionary and civilizing discourse, which believe in a gradual evolution of the races, the most advanced one being the white Indo-European.

**Keywords:** western esotericism; racism; spiritualism; theosophy.

## Introdução

O esoterismo ocidental ou chamado de *Western Esotericism*, possui raízes nos filósofos Neoplatônicos, no Gnosticismo, na Alquimia e no Hermetismo. Basicamente esse termo carrega consigo a ideia de segredo, um tipo de conhecimento restrito ou oculto, algo que poucos selecionados poderiam ter acesso ou compreender, aqueles que buscassem tais conhecimentos passariam por provas iniciáticas ou algo semelhante, com aprovação de um grupo ou mentor (VON STUCKRAD, 2008, p. 217), mas também é reconhecido de forma mais ampla como um termo geral para correntes culturais Ocidentais que estão relacionadas entre si, podendo se diferenciar em momentos históricos, como antiguidade e modernidade (MATEUS, 2013, p.14-16), onde há o sincretismo entre a filosofia dos antigos gregos com as práticas religiosas persas, egípcias e até indianas, já no período moderno essas tradições se mesclariam com o cientificismo e espiritualismo (GOODRICK-CLARKE, 2008, p.15-16), porém a ideia de Ocidental na classificação de algo tão amplo ainda é alvo de muitas discussões (HANEGRRAFF, 2015, p.86).

No período do Renascimento europeu, muitos textos antigos helênicos sobre as religiões de mistérios (ELIADE, 2010, p.285-288; GAZZINELLI, 2007, p.14) como o Orfismo e Pitagorismo, além de textos sobre Cabala ou Kabbalah (uma linha mais mística dentro do judaísmo), alquimia e astrologia foram recuperados e trabalhados por Cosimo de' Medici, Marsilio Ficino e Giovanni Pico della Mirandola (ELIADE, 2011, p. 236; GOODRICK-CLARKE, 2008, p.36 e 41-42). Com isto, as produções de

tratados metafísicos e espiritualistas místicos na Europa foram se desdobrando juntamente com o surgimento de grupos restritos onde pessoas estudavam e se reuniam para debater tais conteúdos, grupos como a *Franco Maçonaria* e os *rosacruzianos*, durante os séculos XVII e XVIII, e por alguns aspectos da religiosidade do Egito Antigo, que foram reinterpretados e levados adiante, para o século XIX, constituindo uma visão diferente sobre a vida e a morte, além de uma moralidade religiosa em oposição ao cristianismo e instituições mais tradicionais e dogmáticas (Ibidem, p. 4-10).

Trata-se aqui sobre um desses grupos esotéricos, chamado de Sociedade Teosófica, fundada em Nova Iorque, EUA, no ano de 1875. Mais especificamente, iremos analisar a produção literária da mãe do movimento, a russa Helena Petrovna Blavatsky e alguns desdobramentos de seus seguidores. Foca-se no que chamamos aqui de teoria das raças, que foi influenciada pelo positivismo, classificando muitos povos tradicionais da África, América e Ásia, como degenerados ou infantis do ponto de vista evolutivo (LUBELSKY, 2013, p.338). Essa visão permeia boa parte de suas obras e se tornou fundamental para o movimento, chegando a influenciar a formação de outros grupos, como a Antroposofia e outros que abordaremos mais a frente no artigo.

Esta pesquisa se originou após o contato do autor com a obra *A Doutrina Secreta*. Além de leituras que apontam a presença do pensamento de Blavatsky em diversas sociedades esotéricas no Brasil, como a Nova Acrópole, a Sociedade Teosófica Brasileira e a Eubiose<sup>2</sup>.

O artigo se desenvolve numa abordagem historiográfica, primeiramente na compreensão sobre a modernidade e o contexto histórico da Europa do século XIX, as

---

<sup>2</sup> A Sociedade Brasileira de Eubiose foi fundada por Henrique José de Souza (1883-1963), apoiado por sua esposa Helena Jefferson de Souza (1906-2000), em São Lourenço, MG, no ano de 1921. Se tornou Sociedade Teosófica Brasileira em 1924 e depois assumindo uma linha própria como Eubiose. Disponível em: <http://www.eubiose.org.br/site/br/?do=site:conteudo:exibir&pid=NzE3ZTE1ZWJlYuaLJMIOQsR7VDyiq3KvSA> Acesso em: 29/12/2015.

influências literárias esotéricas e de ficção que alimentaram o espiritualismo moderno nos EUA, Inglaterra e França durante o século XIX e início do XX. Posteriormente narra-se e discuti-se a vida de Helena Blavatsky e a formação da Sociedade Teosófica, e então se adentra nas obras literárias da teosofista e de alguns dos seus discípulos para analisarmos as teorias raciais desenvolvidas pelo grupo nas obras *Ísis sem Véu; A Doutrina Secreta; A Visão Teosófica das Origens do Homem: Um ensaio sobre Antropologia Esotérica;* e *Salvo por um Espírito*, publicados no fim do século XIX e início do XX. O objetivo é compreender como a teoria das raças se construiu dentro dessa literatura esotérica e quais foram os seus desdobramentos.

## **1. O espiritualismo e a modernidade**

### **1.1. A modernidade como paradoxo**

Entende-se modernidade como um momento histórico paradoxal e diferente de qualquer outro período histórico anterior, que se firmou no século XIX e XX. As visões conflitantes entre progresso, no sentido de desenvolvimento tecnológico, complexidade cultural e valorização do passado através da disciplina *História* como fundamento de tais ideias, demonstra muito bem o turbilhão de discursos e práticas sociais que se desenvolveram na sociedade ocidental no século XIX (BERMAN, 1998, p.15).

Porém, como isto foi construído no tempo? No século XVIII houve o crescimento dos centros urbanos, como Paris e Londres, as ideias iluministas se espalharam e reverberaram na Europa e América. Rousseau foi o primeiro a utilizar a ideia de modernidade expressando o desconforto e confusão que sentia por tal desenvolvimento acelerado e concentração de pessoas nos centros urbanos. A Revolução Francesa e dos EUA impulsionaram ideais liberais, progressistas e diversos movimentos sociais que repudiavam monarquias e certas tradições de caráter medieval e absolutista (Ibidem, p.15-17).

A Revolução Industrial e o avanço científico em áreas como a física, matemática e biologia abriram novos horizontes, literalmente falando, com a expansão de potências imperialistas como a França, a Holanda, a Inglaterra e a Alemanha para a Ásia, África e Américas. Os mercados se expandiam e a burguesia europeia tomava rumos antes nunca explorados em níveis de acúmulo de bens e influência política. Tudo isto foi muito bem observado por Marx e Nietzsche, que acreditavam no fim de ideias monarquistas e do clero cristão, como sinal de uma nova era com mudanças de paradigmas.

Para estes pensadores a modernidade, ao mesmo tempo em que trouxe uma grande ruptura com o passado, trouxe uma plasticidade muito grande de pensamentos e discursos, acreditavam que um ser humano novo surgiria e desenvolveria novos valores e mentalidades, tinham esperança no gênio humano de renovação, porém nenhum apresentou propostas bem delineadas e sim esboços e críticas (Ibidem, p.21).

O positivismo de Auguste Comte também contribuiu muito para mudanças não só no campo científico como no social, acreditando em um desenvolvimento progressista da humanidade, sendo a ciência positivista como o último passo de uma evolução humana; pois os avanços expansionistas na Ásia e África apresentavam estudos de grupos étnicos que viviam em comunidades de menor complexidade tecnológica, como os chamados aborígenes australianos que viviam como caçador-coletores, contrastando com o progresso de sociedades industrializadas e ricas economicamente, pregado pelo positivismo e o *darwinismo social*, um eurocentrismo que se justificava na ciência, especificamente na Teoria da Seleção Natural das Espécies elaborada por Charles Darwin e Wallace, classificando tais grupos tradicionais como *selvagens* ou *primitivos* e que deveriam ser *civilizados* para progredirem (SCHWARZ, 1993, p.55-56). Esta ideia de *civilização* é uma forte influência das leituras que os intelectuais dos séculos XVI ao XX tiveram dos gregos e romanos, que classificavam povos diferentes da sua cultura como *bárbaros*. Desta forma, foi sustentado por Platão

e Aristóteles que gregos não deveriam escravizar gregos e sim os bárbaros quem deveriam por natureza servir (CANDIDO, 2010, p.10-12; SILVA, 2011, p. 01-02).

Do final do século XVIII ao XIX, uma vasta publicação de estudos sobre os diversos povos asiáticos e do norte da África se espalharam rapidamente entre a burguesia europeia. Estudos de filólogos, antropólogos, arqueólogos e obras literárias românticas que exaltavam viajantes em suas aventuras ao Oriente misterioso, a ponto de surgirem diversas cadeiras nas universidades sobre pesquisas no assunto (SAID, 1990, p.60-63). Com essa vasta produção sobre um Oriente imaginativo, cresceram movimentos de uma espécie de regeneração da Europa materialista pela Ásia, tornando assim qualquer cavalheiro ou dama que soubesse falar alguma língua asiática ou tenha passado uma temporada em terras exóticas, se tornasse um guia espiritual, que salvaria a decadência europeia (Ibidem, p.124).

Muitos artistas plásticos, músicos e escritores produziram conteúdos de exaltação de um passado glorioso ou “puro” de suas nações, e de ideias sobre ciclos históricos, onde o desconforto da modernidade era o fim de um ciclo e o renascer glorioso das cinzas seria o novo horizonte; como Richard Wagner deixou claro em suas obras, óperas grandiosas que destacavam as origens mitológicas celtas e germânicas como símbolos do esplendor e do passado rico do povo alemão. No Brasil tivemos José de Alencar com a exaltação do indígena e da vida no campo. A literatura romântica que apreciava um passado nobre, heroico e exemplar, moralmente falando, serviu-se da produção historiográfica para construções ideológicas nacionalistas, tão incentivadas pelos novos Estados e suas lideranças. Neste ponto Sandra Pesavento (1995, p.115) destaca a importância da história e literatura como instrumentos para diversos caminhos, mas que sempre convergem no sentido de construção de identidades, pois se apresentam como representação de mundo social.

Hobsbawm destaca que se o presente moderno era de alguma forma insatisfatório, o passado forneceria o modelo para reconstruí-lo, exemplifica dizendo que as pessoas e movimentos políticos definem a utopia como nostalgia “um retorno

à boa e velha moralidade, aquela religião de antigamente (...) a crença literal na Bíblia ou no Corão, que são documentos antigos” (HOBSBAWM, 2013, p. 46).

Voltando a Europa no século XIX, as opiniões se dividiam, uns viam no passado uma saída do turbilhão que era a modernidade, outras viam no progresso o rompimento com o passado atrasado e primitivo. Nesta época, muitas correntes de estudos comparados das religiões do mundo se tornaram populares, principalmente nas linhas orientalistas, onde um grande expoente foi Max Muller, que publicou diversos trabalhos sobre as religiões asiáticas, como o budismo, bramanismo e taoismo, foi um dos estudiosos orientalistas que mais influenciou a escrita de Helena Blavatsky.

Na literatura de Blavatsky e de seus seguidores observou-se muito desse conflito entre o afastamento do primitivo ao mesmo tempo que há uma exaltação do passado utópico, caracterizado como uma *sabedoria de tempos imemoriais*, além dessa sabedoria localizar-se no Oriente (entende-se como Ásia). Porém ressaltamos aqui que essa é uma visão de *Orientalismo* como a trabalhada por Edward Said (1990, p.62), ou seja, uma construção do discurso Ocidental sobre um Oriente mítico, periférico, bárbaro e exótico, pois a maior parte da rica produção de conhecimentos dos eruditos do século XIX, de instituições como a *Société Asiatique*, em Paris, era textual, fragmentária e resignificada aos interesses ocidentais (Ibidem, p.77).

## 1.2.O espiritualismo do século XIX

O fenômeno social do espiritualismo moderno se deu no século XIX, inspirado em *Swedenborg*<sup>3</sup> e no *Mesmerismo*<sup>4</sup>, porém nos EUA as coisas ganharam grandes

---

<sup>3</sup> Espiritualista cristão luterano e cientista sueco (1668-1772) que alegava haver vida após a morte, por meio de suas visões e viagens fora do corpo.

<sup>4</sup> Doutrina terapêutica elaborada por Franz Anton Mesmer (1734-1815), um médico alemão que alegava existir um fluido magnético universal que poderia ser manipulado pelas pessoas através dos seus corpos, transformando esta energia em fluido vital e animal, possibilitando através da imposição das mãos e do olhar, curas e tranSES.

proporções no caso das *irmãs Fox* em 1848, em Rochester, Nova York; quando estas afirmaram terem recebido mensagens de pessoas mortas através de batidas nas paredes e nos móveis de casa (GOODRICK-CLARKE, 2008, p. 186-187). Isso ficou popularmente conhecido como o fenômeno das *mesas falantes* ou *mesas girantes*.

O ponto alto ocorreu com uma série de publicações em meio aos anos de 1850 em diante, como o *Spiritualism* de Charles Dexter's (1853); *Experimental Investigation of Spirit Manifestations: demonstrating the existence of spirits and their communication with mortals* de Robert Hare's em 1855. *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns* do pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail conhecido como Allan Kardec (fundador do Espiritismo), publicados em 1857 e 1861 (GIL, 2010, p. 208-210). O também francês Alphonse Louis Constant, conhecido como Eliphas Lévi, publicou diversas obras sobre ocultismo, onde as mais famosas são *Dogma e Ritual da Alta Magia* (1854); *História da Magia* (1859); *A Chave dos Grandes Mistérios* (1859); *Os Mistérios da Cabala* (1861) e *A Ciência dos Espíritos* (1863).

Romancistas de mistérios também tornaram o terreno fértil para a temática espiritualista no Ocidente, como *History of the Supernatural* de William Howitt em 1863; Joseph Ennemoser's (1844) e o francês Roger Gougenot (1860 e 1864). Cientistas e filósofos também entraram no debate sobre os fenômenos como, Sir William Crookes, Sir Oliver Lodge, Camille Flammarion e Alfred Russel Wallace (GOODRICK-CLARKE, 2008, p. 188-191; DOYLE, 2008, p. 110-113).

Houve várias tentativas de desenvolver discursos científicos para os fenômenos espiritualistas, ocorreram muitas polêmicas sobre charlatanismo e conflitos entre as diversas vertentes religiosas com os chamados médiuns, espíritas ou espiritualistas; até convenções e associações foram criadas como a *National Association of Spiritualists* (NAS) em Chicago no ano de 1864<sup>5</sup> e a *Marylebone Spiritualist Association*, fundada em

---

<sup>5</sup> Cf. O site da associação de igrejas espiritualistas americanas em <http://www.nsac.org/nsac.php#History>



1872, que hoje se chama *The Spiritualist Association of Great Britain*<sup>6</sup>. Boa parte desses confrontos e discursos se propagaram em periódicos especializados como *The Banner of Light*<sup>7</sup> nos EUA; *The Spiritualist* e o *The Yorkshire Spiritual Telegraph* na Inglaterra, além da revista espírita francesa fundada por Kardec chamada de *La Revue Spirite: Journal D'Études Psychologiques*, e as revistas da Sociedade Teosófica que serão citadas mais a frente.

## 2. Helena Blavatsky e a Sociedade Teosófica

A aristocrata russa, Helena Petrovna Von Hahn nasceu em 1831 em Ekaterinoslav (hoje Dnipropetrovsk), na Ucrânia, parte do Império Russo. Seu pai foi o coronel Peter Von Hahn e sua mãe, romancista, Helena Andreyevna, da família Fadayev. Helena passou boa parte de sua infância morando com seus avós por seu pai ausentar-se de casa em missões do governo e por sua mãe ter falecido ainda jovem. O seu bisavô, príncipe Pavel Dolgorukov, tinha uma biblioteca rica em literatura esotérica por ter sido membro da maçonaria, cômodo esse onde Blavatsky iniciou suas leituras (GOODRICK-CLARKE, 2007, p.26-27). Aos 17 anos, Helena se casou com o vice-governador da província de Erivam na Armênia, Nikifor Blavatsky, que tinha por volta de 40 anos de idade. Helena, agora Blavatsky, fugiu de seu marido ainda na lua de mel e passou a viajar pelo mundo sendo custeada por seu pai, tios e tias. Estas viagens pela Índia, Tibete, Egito, México, Canadá, EUA e até Peru são destacadas pelos seus seguidores como o caminho percorrido por ela para aprender as doutrinas secretas dos mestres espirituais que ela alegava ter convivido principalmente no Tibete, que falaremos mais adiante (Ibidem).

Voltando aos EUA, em 1874, na fazenda Eddy em Chittenden, Vermont. Em uma reunião espiritualista, onde se materializariam espíritos, Helena Blavatsky

---

<sup>6</sup> Cf. o site da associação de igrejas espiritualistas da Grã Bretanha: <http://www.sagb.org.uk/History/history.html>

<sup>7</sup> Cf. Um exemplar do jornal disponível na internet em: [http://www.iapsop.com/archive/materials/banner\\_of\\_light/banner\\_of\\_light\\_v1\\_n1\\_11\\_april\\_1857.pdf](http://www.iapsop.com/archive/materials/banner_of_light/banner_of_light_v1_n1_11_april_1857.pdf)

conheceu Henry Steel Olcott, um advogado nova-iorquino e colunista de alguns periódicos interessados nos fenômenos espiritualistas. Nesta época, H. P. Blavatsky<sup>8</sup> afirmou ser médium e espírita, porém mudou o discurso ao publicar o seu primeiro livro *Ísis sem véu*, em 1875, alegando possuir poderes paranormais como, clarividência, materialização<sup>9</sup>, telecinese (controlar objetos com o pensamento) e telepatia (comunicação pela mente) que foram conquistados com treinamentos específicos no Tibete, rejeitando assim a prática mediúnica dos espíritas. Estes dois espiritualistas fizeram uma parceria literária, passando a publicar em diversos periódicos artigos onde tentavam comprovar os fenômenos espiritualistas e de afirmação de preceitos esotéricos, utilizando-se da literatura corrente da época, como mesmerismo, espiritismo, positivismo e estudos comparados de religiões asiáticas.

No mesmo ano, estes se juntaram a William Quan Judge, um advogado irlandês que vivia em Nova Iorque e em 17 de Novembro de 1875, foi fundada a Sociedade Teosófica, sendo H. S. Olcott o presidente. Durante esse mesmo ano, Helena Blavatsky escreveu seu primeiro e mais polêmico livro, *Ísis sem Véu*, onde se pode observar que foram compiladas diversas informações soltas sobre mesmerismo, espiritismo, cristianismo, maçonaria, rosacruz, hermetismo, cabala, alquimia e muitas observações sobre a produção científica da época (sobretudo através de manchetes de jornais) como, suas discordâncias da teoria da origem das espécies de Darwin e Wallace (BLAVATSKY, 1998, p. 203).

Os mestres orientais de Blavatsky tomavam<sup>10</sup> o corpo dela para revelar através da escrita, elaborando sua doutrina oculta provinda do Oriente distante. Dentre os mestres se destacam dois, El Morya<sup>11</sup> e Koot Hoomi, com a aparência física semelhante

---

<sup>8</sup> Abreviação de Helena Petrovna Blavatsky.

<sup>9</sup> Algo como manipular os elementos da natureza a sua própria vontade para moldar o que desejasse.

<sup>10</sup> Utilizo o termo “tomavam”, pois os próprios teosofistas não mantiveram um termo claro sobre este fenômeno, ora chamando de comunicação ou Tulku, uma técnica tibetana de direcionamento da encarnação, porém os mestres não haviam morrido e nem renascido no corpo de HPB.

<sup>11</sup> Há quem diga que este mestre foi uma adaptação de um espírito famoso nos círculos espiritualistas americanos, chamado de John King, um pirata do século XVIII, o que é interessante porque Olcott diz que HPB afirmava ter John King como mentor, quando esta era espírita.

aos árabes ou indianos, usando turbantes, longas e espessas barbas, sendo que o primeiro era indiano ou do Nepal e o segundo da Caxemira, os dois eram identificados como *Mahatmas* (sábios) que viveram boa parte de seu tempo no Tibete, ensinado suas doutrinas secretas e protegendo tesouros como, pergaminhos sagrados e obras de arte, estes e outros mestres formaram a *Fraternidade de Luxor* ou *Fraternidade Branca*, um grupo de gurus espirituais que foram lideranças de várias religiões e que governam o mundo. É dito que estes sempre protegeram e se comunicaram com H. P. Blavatsky desde sua infância, aparecendo em visões, sonhos e a protegendo de perigos (GOODRIK-CLARKE, 2007, p.70).

Na obra *A sabedoria tradicional: os registros da ciência dos iluminados. A chave da Teosofia*; Blavatsky apresentou na forma de perguntas e respostas, muito similar ao *Livro dos Espíritos* de Allan Kardec e das obras doutrinárias de Comte, como a Teosofia deveria ser compreendida. Começando pelo significado do nome, que seria *sabedoria divina*, termo apropriado dos alexandrinos do século III (BLAVATSKY, 1982, p. 13-14), essa escolha da autora pode-se entender pelo objetivo de que a Sociedade Teosófica, no século XIX, fosse uma herança direta de antigas filosofias helênicas do Oriente próximo, uma tentativa de autenticidade dentro de várias outras associações filosóficas e espiritualistas que nasciam a cada dia neste período, como exposto anteriormente.

Helena Blavatsky, inspirada por Eliphas Lévi e Max Muller, se fundamentava na ideia de que todas as religiões teriam uma origem comum, a *Religião-Sabedoria* e que se deveria usar a mesma chave interpretativa para todas, a fim de observar suas verdades ocultas pelos símbolos particulares de cada uma. Apresentou também uma pequena lista de iniciados na sabedoria divina que seriam Platão; Pitágoras; Orfeu; Plotino; Jesus; Buda e Confúcio (Ibidem, p. 16-19) numa explícita tentativa de universalização, coisa que já ocorreu no período do Renascimento europeu com Pico della Mirandola (ELIADE, 2011, p. 237; MATEU, 2013. p. 17).

Helena morou nos EUA com Olcott por aproximadamente seis anos, formando Lojas, ou seja, núcleos de encontro (ao modelo da maçonaria) em Nova Iorque, Paris e Londres; depois se deslocaram para a Índia, no intuito de implantar a Sociedade Teosófica no Oriente. Em 1880, já vivendo na Índia, produzem um periódico chamado *The Theosophist*<sup>12</sup> e posteriormente *Lucifer: a theosophical magazine*<sup>13</sup> em 1887-88. Devido problemas de saúde, algo bem recorrente nas biografias de Helena, esta viajou para a Inglaterra e desenvolveu novos ensaios ocultistas na Loja de Londres que resultaram em 1888 na publicação de *A Doutrina Secreta: síntese da ciência, religião e filosofia*. Alega-se que esta obra é uma síntese do estudo das *Estâncias de Dzyan*, espécie de textos religiosos secretos do Tibete, que foram escritos em *Senzar*, uma língua conhecida apenas por Blavatsky e seus mestres. Realmente existiam textos budistas secretos ou perdidos no Nepal, China e Tibete, muitos deles foram encontrados no século XX em alguns templos abandonados em estradas e montanhas, pois antigamente, os primeiros templos budistas foram construídos em cavernas como a de Mustang<sup>14</sup>, as grutas de Mogao e de Longmen na China, estes dois últimos estão abertos a visitação atualmente e reconhecidos como Patrimônio Histórico da Humanidade pela UNESCO. Todos os pergaminhos encontrados nestes locais estão escritos em páli, sânscrito, tibetano ou cantonês, nada conhecido como *Senzar*. O que levanta dúvidas sobre a veracidade da estadia e treinamento de Blavatsky por mestres indianos no Tibete, mestres estes que também nunca foram vistos por não membros teosofistas.

Outra obra famosa de Helena foi *A Voz do Silêncio*, publicada em 1889. São nestas obras que desenvolveu melhor as suas influências budistas<sup>15</sup>. A referência ao Tibete pode-se entender como uma apelação para o exótico e aventura, além de que

---

<sup>12</sup> Cf. alguns volumes digitalizados disponíveis no site <http://www.iapsop.com/archive/materials/theosophist/>

<sup>13</sup> Cf. periódico disponível no site [http://www.iapsop.com/archive/materials/lucifer/lucifer\\_v1\\_index.pdf](http://www.iapsop.com/archive/materials/lucifer/lucifer_v1_index.pdf)

<sup>14</sup> Para maiores informações, basta procurar no YouTube sobre as Cavernas de Mustang, documentários produzidos pela National Geographic Channel.

<sup>15</sup> Cf. Handbook of The Theosophical Current. Edit by Olav Hammer and Mikael Rothstein. Leiden, Boston, 2013.

documentos secretos em uma língua secreta também apresentam uma tentativa de se esquivar das acusações de plágios e equívocos a respeito de religiões e línguas asiáticas que a escritora ocultista sofria de seus adversários. As críticas foram tantas que ela mesma chegou a assumir que o livro *Ísis sem Véu* foi mal escrito (BLAVATSKY, 1995, p.39-41) e até os seus supostos mestres espirituais assumiram os erros de escrita, formulação e confusão da obra, justificando que ela estaria incompleta ou dizendo que deveria ser reescrita (Ibidem, p.49-50).

Foi em Bombaim que os fundadores conheceram um personagem relevante na construção da Sociedade Teosófica, Alfred Percy Sinnett, o editor anglo-indiano de um jornal nacional da Índia, *The Pioneer*. Sinnett escreveu uma das mais famosas biografias de Helena, quando esta ainda estava viva, com o auxílio da mesma. Também ajudou na difusão da S.T. na Índia e escreveu um livro de referência para aos ocultistas, *O Budismo Esotérico*.

As polêmicas de fraude nos fenômenos paranormais e na existência dos mestres espirituais, desvio de dinheiro e brigas em periódicos entre teosofistas e missionários cristãos na Índia, além de muitos conflitos administrativos entre os teosofistas das Lojas de Londres, Paris, Adyar e Nova Iorque são bem apresentadas no capítulo oito da biografia de Helena escrita por Gary Lachman (p. 172-197). Os conflitos entre as Lojas levaram a rompimentos, sendo que a de Nova Iorque, onde Judge era responsável, rompeu com Helena e Olcott e tomou caminhos próprios, depois disso Blavatsky passou a visitar a Loja de Londres para manter os laços firmes, porém Olcott investiu suas forças na Índia, onde perdura a Loja de Adyar como centro internacional da S.T. até os dias atuais.

A russa passou a ter uma saúde muito debilitada com os anos e em meio a conflitos e polêmicas, abandonou a Índia e o cargo de secretária adjunta na S.T. de Adyar em 1885, passando a transitar entre a Inglaterra e França produzindo *A Doutrina Secreta*. Por volta de 1889, a britânica Annie Wood Besant se juntou a S.T. e passou a ser discípula fiel de Blavatsky, se tornando mais tarde, em 1908 a presidente

internacional da Sociedade Teosófica; escreveu inúmeras obras (uma das quais analisaremos mais a frente) e fez parte da Co-maçonaria.

Outro britânico, Charles Webster Leadbeater, foi sacerdote da Igreja Anglicana e Igreja Católica Liberal, uniu-se a S.T. por volta de 1883, e foi também discípulo de Blavatsky e Olcott, indo morar na Índia. Depois também passou a fazer parte da ordem maçônica *Le Droit Humain* e se converteu ao budismo. Juntamente com Besant, passaram a produzir diversas obras literárias esotéricas e a ser os expoentes internacionais do grupo.

Ainda em meio a polêmicas e batalhas judiciais na Inglaterra, Helena falece em 8 de Maio de 1891 (LACHMAND, 2014, p.224) e alegou que esta seria sua última encarnação, última vida no ciclo de encarnações, ou seja, afirmou ter transcendido, não necessitando mais passar por novas vidas no planeta Terra. O coronel Olcott ficou morando na Índia como presidente da S.T. até seu falecimento em 1907. Após a morte do coronel, Annie Besant e Alice Anne Bailey<sup>16</sup> entraram em conflitos ideológicos, onde esta última se afastou do movimento, porém continuou a produzir livros sobre a temática esotérica. Besant foi líder do movimento até 1933, quando veio a falecer.

### 3. O sistema de raças e rondas

Como foi exposto anteriormente, a S.T. de forma geral tinha como instrumento ideológico a sua produção literária, no intuito de combater o *materialismo* do mundo moderno, elaboraram três princípios norteadores de sua doutrina, que eram formar um núcleo de fraternidade sem distinção de raça, credo ou sexo; o estudo comparado das religiões e ciências e investigar o poder latente dos seres humanos.

Com isto em mente, passamos a analisar um aspecto basilar da Teosofia moderna, que é a teoria das raças apresentada em *Ísis sem véu; A Doutrina Secreta; A Visão Teosófica das Origens do Homem: Um ensaio sobre Antropologia Esotérica; e Salvo por*

---

<sup>16</sup> Uma das maiores influências do movimento New Age (Goodrick-Clarke, 2008, p.230-232).

*um Espírito*; publicados na passagem do século XIX ao XX pelos principais membros da Sociedade Teosófica.

Como abordado anteriormente, o darwinismo social se tornou um mecanismo de justificação ideológica para o imperialismo europeu com o discurso de que passariam a civilizar os povos ainda bárbaros, os ajudando no processo evolutivo, isto também estava presente na doutrina teosófica, por exemplo, em uma carta do mestre dos mestres de Helena Blavatsky, fala-se sobre o papel futuro da Sociedade Teosófica:

Para alcançar o objetivo proposto, foi determinado que houvesse uma convivência maior, mais sábia, e especialmente mais benevolente, do superior com o inferior, do Alfa e do Ômega da sociedade. A raça branca deve ser a primeira a estender a mão da fraternidade aos povos de cor escura e a chamar de 'irmão' o pobre 'negro' desprezado. Esta perspectiva pode não agradar a todos, mas não é teosofista aquele que se opõe a este princípio (JINARAJADASA, 1996, p. 18).

Helena Blavatsky acreditava que o universo se materializou aos poucos, de forma gradual, passando de estados de composição mais sutis aos mais grosseiros, que seria o nosso plano físico. Seres celestiais se responsabilizaram por organizar a evolução da matéria e estes teriam criado no planeta Terra, durante o tempo de *sete rondas*, ou eras; *setes raças*, e cada uma dessas *sete raças-raizes* se desdobraria em sete *sub-raças*. Cada uma diferente entre si nos aspectos interiores e exteriores (BLVATSKY, 1998, p. 91).

A raça que Blavatsky deu mais destaque positivo chamou de ária ou ariana, que afirmou ser de origem indo-europeia, ou seja, grupos humanos antigos que compartilhavam uma linguagem comum que se espalhou pela Europa e Ásia dando origem as línguas e culturas da Índia e de várias regiões da Europa, baseada nas teorias linguísticas do britânico William Jones e reproduzidas por Max Muller em estudos orientalistas comparados (LUBELSKY, 2013, p.338-339). Alegou que os indo-europeus se deslocaram, num passado remoto, para a Índia e levaram com sigo os princípios

sagrados dos Vedas, ou *A Filosofia Ária* e implantaram a sociedade de Bhramanes<sup>17</sup>, tendo como símbolo a cruz gamada, que faz parte de uma série de religiões hindus como o Jainismo e na Yoga de Patanjali, está presente no budismo e nas artes de muitos povos germânicos.

Helena acreditava que a origem dos seres humanos de sua época era ligada a Índia, porém a maioria dos indianos era e é negra, só que para os teosofistas os indianos-ários eram brancos em tempos antigos, assim como acreditavam também serem os primeiros egípcios. Acreditavam que os egípcios antigos deviam sua cultura aos indianos, citando pesquisadores da época (Alfred R. Wallace e Robert Knox), disse que os crânios de múmias egípcias eram de tipo caucasiano. Há em *Ísis sem véu*, uma suposta ligação ancestral entre os etíopes e os indianos que “se sua pele era de cor menos escura do que a dos etíopes modernos, os próprios etíopes devem ter tido outrora uma tez mais clara” (BLAVATSKY, 1995d, p.79).

José Barros (2013, p.181-185) explica muito bem a construção do tempo histórico, sendo o tempo mítico, utilizado em genealogias das civilizações o de padrão circular, com a ideia de ascensão e decadência dos povos. O autor destaca os mitos indianos que estipulam *Eras* que modificam a realidade do universo, como o respirar da divindade *Brahma*. Helena se inspirou no *Rig Veda* e nas teorias raciais da época, que classificavam o fim de um povo a sua decadência moral ou a miscigenação com outros povos. O melhor exemplo que temos disso foi Joseph Arthur de Gobineau, que em *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*, publicado em 1853, atribuiu a miscigenação como o principal fator da decadência de uma civilização, e que isso podia ser demonstrado pelo estudo dos crânios e de características morais e culturais. Ao mesmo tempo em que acreditava que era inevitável a mistura de raças, e que em alguns casos algo de bom poderia surgir, mas havia o sacrifício da degeneração dos

---

<sup>17</sup> Dentro do sistema tradicional de castas da Índia, seriam os sábios, sacerdotes, detentores dos conhecimentos sagrados.



superiores, desta forma tanto Gobineau como outros eruditos da época tentavam criar listas de raças e sub-raças para classificar as humanidades (SOUZA, 2013, p. 24-28).

A teosofista também insinuou sua antipatia pelos judeus, chamando-os de “problemáticas tribos perdidas de Israel” (Ibidem, p.73). Se pararmos para pensar um pouco, observamos o grande destaque que Helena dava aos textos cabalísticos, então como ela iria inferioriza-los? Isso fica mais claro quando examinamos o volume I de *Ísis sem Véu* (1995a, p.230) onde ela atribuiu a Cabala aos indianos, explicando que o rei Salomão se apossou desses conhecimentos, o que também explicaria melhor outra afirmação que ela fez no volume III de *A Doutrina Secreta* (1998, p. 218) dizendo que os judeus enganaram o mundo se apossando dos nomes das antigas tribos de Israel.

Em *Ísis*, deixou claro sua posição em relação os povos semitas, quando criticou os cristãos de usarem o antigo testamento como base religiosa.

Estranha e infeliz escolha! Dentre todos os escritos sagrados das nações básicas, oriundos do berço primitivo da Humanidade, o Cristianismo escolheu para seu guia os registros e as escrituras nacionais do povo menos espiritual talvez da família humana – o semita. Um ramo que nunca foi capaz de desenvolver, a partir de seus numerosos idiomas, uma língua capaz de encarnar as ideias do mundo moral e intelectual; cuja forma de expressão e cuja inclinação mental jamais conseguiu se elevar mais alto do que as figuras de linguagem puramente sensuais e terrestres; cuja literatura nada deixou de original, nada que não foi tomado do pensamento ariano; e cuja ciência e filosofia carecem totalmente das nobres características que caracterizam os sistemas altamente espirituais e metafísicos das raças indo-européias (jaféticas) (BLAVATSKY, *Ísis Sem Véu* vol. IV. 1995d, p.77-78).

Em uma passagem de *A Doutrina Secreta* diz:

Os semitas, e especialmente os árabes, são arianos mais recentes, espiritualmente degenerados e materialmente aperfeiçoados. A essa categoria pertencem todos os judeus e árabes. Os primeiros representam uma tribo descendente dos Chandalas da Índia – os ‘fora de casta’, muitos deles ex-brâmanes, que buscaram refúgio na Caldéia, na Cíndia e em Ária (Irã) (BLAVATSKY, *A Doutrina Secreta* vol. III, 1998, p.218).

Vê-se acima que a autora comparou os judeus a casta de intocáveis da Índia. A inferiorização dos semitas na literatura e principalmente na teológica cristã, na Europa do século XVIII ao XIX foi explicada por Edward Said (1990, p.66-72) quando ele observou que o cristianismo europeu colocou os árabes como falsos ou bárbaros, dizendo que existe um medo muito grande dos mulçumanos desde a Idade Média, um medo do chamado Oriente Próximo, o antissemitismo também era comum, que passou de um etnocentrismo a referencial de comparação de raças nos discursos acadêmicos (Ibidem, p.157). Hannah Arendt, explica que o antissemitismo moderno é diferente do antigo ódio religioso antijudaico, pois o antissemitismo moderno cresceu concomitantemente com a assimilação de judeus na Europa, sendo um processo vinculado ao crescimento do Estado-Nação (ARENDR, 2012, p.30-32). Ao observarmos os escritos, acredita-se que o antissemitismo de Blavatsky esteja muito mais vinculado ao aspecto religioso, assim como a inferiorização dos mulçumanos.

Helena explicou através do seu sistema de raças espirituais os motivos das desigualdades sociais e intelectuais, afirmou que os sábios seres divinos dotaram uns com mais intelecto e espiritualidade que outros, que receberam apenas uma centelha (BLAVATSKY, 1995c, p. 178), também explicou quais grupos foram menos dotados.

Trata-se aqui das Raças inferiores, das quais ainda subsistem alguns espécimes, tais como os aborígenes australianos, que tendem rapidamente a desaparecer, e algumas tribos da África e da Oceania. As palavras 'não estavam preparadas' significa que o desenvolvimento cármico dessas Mônadas não as capacitava a ocupar as formas humanas que deviam encarnar-se nas Raças intelectuais superiores (BLAVATSKY, Ísis vol III, 1995c, p. 179).

Este trecho diz que os africanos e australianos, em espírito ou na alma, não estavam capacitados a viver em corpos humanos das raças intelectualmente superiores, que seriam os arianos. Em outro trecho repete a mesma afirmativa:

As Mônadas dos espécimes inferiores da humanidade – os selvagens de 'cabeça estreita' que habitam os Mares do Sul, os africanos e australianos – não tinham Carma a esgotar quando nasceram pela

primeira vez como homens, tal como sucedia com os seus irmãos mais bem dotados em inteligência (Ibidem, p.184-185).

Em nota de rodapé, em outro trecho, explicou que os povos que habitaram Lemúria<sup>18</sup> e Atlântida<sup>19</sup> (civilizações que ela acreditava terem existido de fato) foram povos muito desenvolvidos tecnologicamente, porém se degeneraram espiritualmente ao cruzarem com animais ou semi-humanos, fazendo suas civilizações desaparecerem em meio a terremotos e inundações, os remanescentes desses povos eram os aborígenes australianos; tribos montanhesas da China; selvagens da ilha de Bornéu; os Veddhás de Ceilão; os Bosquímanos; os Negritos e os Íncolas das ilhas Andamã (Ibidem, p.214).

Além de tudo isto, ela afirmou ter existido humanos gigantes, que seriam da *Quarta Raça*, e a suposta prova disso estaria nas estátuas da ilha de Páscoa, que foram feitas a semelhança desses gigantes (BLAVATSKY, 1992, p. 178), dizia que a primeira raça a cair na geração (pois antes eram hermafroditas) foi uma raça escura, chamada de *Zalmaqad* ou *Adamus* e que a *Sarku*, a raça clara, permaneceu pura por muito mais tempo (Ibidem, p. 138). Portanto, vê-se aqui um esforço da autora em justificar as categorias raciais através de mitos presentes no *Rig Veda* e no antigo testamento da *Bíblia Sagrada* (Gênesis 6:4) quando aborda a existência de *nefilims*, os gigantes<sup>20</sup>.

Outro teosofista que compartilhava da ideia de superioridade branca, Alfred Sinnett, ao falar sobre as viagens de Blavatsky ao redor do mundo, descreveu sobre

---

<sup>18</sup> É o nome de um continente submerso fictício, que supostamente teria existido em um passado remoto do planeta, e sua localização seria no arquipélago malásio, através da Costa Sul da África até Madagascar. Um escritor britânico serviu de referência para Blavatsky sobre este tema, foi James Churchward.

<sup>19</sup> Segundo Platão, em *Crítias* e *Timeu*, Atlântida seria uma ilha fictícia, localizada no estreito de Gibraltar onde existiria um governo perfeito, de reis-filósofos, onde se cultuava o deus Netuno, porém que afundou depois de um maremoto. Blavatsky modifica o mito, classificando a ilha como continente, e que teria sido habitado por uma humanidade diferente, antepassada dos humanos de hoje, e que teriam sido mais desenvolvidos intelectualmente e tecnologicamente e tiveram queda moral, levando o lugar a afundar.

<sup>20</sup> No antigo testamento, os gigantes seriam filhos do cruzamento entre anjos e mulheres humanas; porém para Blavatsky, os gigantes existiram de fato e foram resultado do cruzamento de seres divinos com semi-humanos ou mesmo animais.

quando esta esteve entre os indígenas canadenses em 1851, dizendo que Blavatsky se interessou por estes depois de ler a obra *O Último dos Moicanos* de James Fenimore Cooper, publicado em 1826; diz que felizmente ela se afastou deles depois de ter sido roubada. Também narra a viagem dela à Nova Orleans, para conhecer as práticas religiosas *voduns*, que para o autor era uma seita de negros e mestiços que não passava de um insulto ao “ceticismo da população branca culta” e que essas práticas mágicas não eram assuntos que um estudante adiantado de ocultismo deveria se ocupar (SINNETT, 1886, p. 47-49). Vemos aqui que não só a fisiologia dos negros os caracterizam como inferiores, mas também suas práticas religiosas, pois estas são pura superstição, na visão eurocêntrica de mundo. O processo de desqualificação intelectual e moral do outro é a principal tática civilizatória e progressista dos países imperialistas através da produção literária, como podemos ver.

Entre os principais seguidores de Blavatsky existiam discursos mais radicais, como no livro *Salvo por um Espírito* de Leadbeater, onde narra uma aventura sua na América do Sul, onde esteve em viagem de trabalho com seu pai e irmão (de 7 anos de idade) na construção de uma estrada de ferro durante sua juventude. Na narrativa, estes foram cercados por índios em uma cabana, ao estilo das aventuras de *cowboys do velho oeste*. Mas antes disso, o autor primeiro fez um esclarecimento sobre a vida social nessa terra da América do Sul.

Primeiro, vêm os descendentes dos conquistadores espanhóis e portugueses, raça orgulhosa, indolente, elegante e hospitaleira, de forma alguma destituída de boas qualidades, mas, ainda assim, tendo como sua mais forte característica um imensurável desprezo (ou a afetação disso) por todas as outras raças, fossem elas quais fossem. Dessas tribos, muitas tinham adotado um tipo de esqualida semi-civilização, mas muitas outras ainda eram selvagens, indomadas e indomáveis - homens que viam o trabalho, fosse de que espécie fosse, como a mais profunda degradação, e que odiavam o homem branco com um ódio tradicional, inflexível, e que (estranho como possa parecer) iam ainda além da reciprocidade do infinito desprezo dos fidalgos espanhóis de sangue azul. Será, sem dúvida, incompreensível para muitos de nós que um selvagem seminu possa manter qualquer outro sentimento que não seja o da inveja pela nossa civilização superior, por muito que não gostem de nós, mas só posso dizer que o

mais autêntico e natural sentimento do Índio Vermelho para com o homem branco é puro e implacável desprezo (LEAEBEATER, 1991, p. 108-109).

Depois disso, o autor fez uma classificação da raça negra, que seria a maior parte da população que ainda estaria em estado de escravidão, porém o governo lutava para resolver este problema. E por fim fala sobre os mestiços que seriam uma mistura que guardaria as piores qualidades de suas raças progenitoras (Ibidem, p. 110). Também é de se notar que os teosofistas possuíam admiração pelos grupos indígenas andinos (Ibidem, p.128-129) que possuíam grandes construções em pedra e organização política semelhante a impérios, como os Incas, pois estes seriam sobreviventes do *Dilúvio* e descendentes dos *Atlantes* (BLAVATSKY, 1998, p.158). Porém como foi demonstrado anteriormente, os povos indígenas da Austrália, Ásia, África e os da América que não possuíssem uma cultura materialmente complexa, com grandes estruturas como a dos Incas e egípcios, eram consideradas como selvagens e atrasadas.

Há outra obra literária produzida por Besant e Leadbeater em Adyar, Índia, no ano de 1910, *A Visão Teosófica das Origens do Homem*. Os dois, através da clarividência, deslumbraram o futuro da humanidade. Blavatsky era contra a ideia de mediunidade como meio de falar com os mortos, prática kardecista, argumentava que os médiuns seriam marionetes<sup>21</sup>, ela afirmou possuir suas extensas habilidades devido treinamentos especiais com seus mestres, habilidades estas herdadas por seus dois discípulos. Com isto, podemos entender que o dom da clarividência, telepatia e outras paranormalidades são muito queridas pelos teosofistas, talvez como uma confirmação de poder ou iluminação, dádiva dada pelos mestres orientais ou por divindades, coisas que demonstrem o “nível evolutivo” dos sujeitos.

Mas o interessante aqui é que este dom da clarividência está mais para um reprodutor do presente e da cultura daquele que vê, pois as visões de futuro dos

---

<sup>21</sup> Cf. A Sabedoria Tradicional: Os registros da ciência dos iluminados. A chave da Teosofia, 1982, p. 170.

teosofistas parecem mais uma visão do presente imperialista da Inglaterra do século XIX.

Usando as obras de Blavatsky como base, explanaram na primeira parte do livro sobre o passado remoto da humanidade, o desenvolvimento das raças e civilizações como a lemuriana e a atlante. A segunda parte foi feita por Leadbeater, uma projeção bem detalhada sobre o futuro da humanidade. O livro é basicamente uma narrativa sobre como a raça indo-europeia, ariana (sinônimo de nobreza no sentido britânico para os autores, partindo da tradução do sânscrito das obras de Max Muller), conquistou o mundo através de vários ciclos civilizatórios em diferentes *Eras*.

Desenvolveram tudo baseados na ideia de que *Manu*<sup>22</sup> foi uma espécie de demiurgo da raça ariana por volta de 60.000 a.C., raça essa perfeita, honesta e incorruptível. Além disso, esta raça não se misturava com outras, a ponto de nem receber estrangeiros dentro de suas casas. Os autores compararam o comportamento dos arianos ao dos cavaleiros britânicos (BESANT; LEADEBEATER, 2009, p.185-186). Nota-se a busca por uma construção de identidade pela antiguidade, passado ou memória, onde a visão eurocêntrica se fundamenta num passado fantástico que justifique suas ações e noção de cultura sofisticada em relação às outras. Segundo os autores, por volta de 45.000 a.C. numa missão de espalhar a cultura e civilização superior, os arianos conquistaram a China e o Japão e se espalharam pelo resto do Oriente, onde passavam eram bem recebidos e considerados deuses (Ibidem, p.190). Também é dito que alguns dos membros da Sociedade Teosófica foram em vidas passadas, parte de famílias colonizadoras arianas nessas empreitadas pelo mundo antigo e ficaram responsáveis pela civilização das novas *sub-raças*. É dito que H. Olcott foi o rei Ashoka<sup>23</sup> em uma de suas vidas passadas (Ibidem, p.234), apelando para uma

---

<sup>22</sup> Manu é o termo em sânscrito para homem. E na tradição hindu, foi o primeiro homem a surgir na terra após uma grande inundação, e houve 14 Manus no total, cada um responsável por guiar a humanidade em cada era mitológica chamada de Manvantara. Para os teosofistas, Manu seria um ou mais seres divinos que tomariam a forma humana para civilizar a humanidade.

<sup>23</sup> Foi um imperador indiano da dinastia Mauri, entre 273 e 232 a.C. que depois de muitas guerras expansionistas converteu-se ao budismo e determinou-se a difundir e construir monumentos budistas.

imagem de nobreza e afinidade com o Oriente. Provavelmente Olcott foi relacionado ao imperador por ter implantado muitas escolas de filosofia budista na Índia, após ter se convertido.

Em um desses processos de colonização os árabes resistiram à civilização e suas lideranças religiosas “fanáticas” se misturaram com negras africanas escravas, quando um grupo obcecado por pureza de raça, se desvencilhou dessas lideranças, mais tarde vindo a se tornar os judeus (Ibidem, p.192-194). Interessante à transferência feita, quem era obsecado por pureza de raça eram os judeus e não os europeus brancos, uma provável tática de justificativa para o antissemitismo. Esse tipo de discurso, onde há a noção binária de civilizações avançadas/ atrasadas, foi abordado por Edward Said (SAID, 1999, p.213) onde se evidenciam no século XIX, muitas obras de escritores como Arthur de Gobineau, Robert Knox e John Westlake, o incentivo as ideias de classificação das raças que justificavam a dominação das ditas civilizações avançadas sobre as atrasadas. Explica-se a construção da ideia, desde o século XII, sobre os árabes serem inferiores moralmente aos cristãos, além de obras do século XX onde ainda perdurava a ideia de que os árabes não passariam de uma heresia ariana de segunda ordem (Ibidem, p.72).

Na obra dos teosofistas, capítulo 21, é dito que foi do Egito que “se infundiu o sangue ário em várias tribos da África Oriental” (Ibidem, p.226). Pois havia a necessidade que os arianos misturassem o seu “sangue superior” com os outros “seres inferiores” até o ponto em que os espíritos (almas) dos arianos teriam que encarnar<sup>24</sup> em “corpos de tipo inferior, egos pouco adiantados, que haviam passado por sub-raças anteriores sem progredir grande coisa” (Ibidem). Afirmam na obra que era nítida a inferioridade dos Zulus<sup>25</sup> em relação aos arianos, que bastando “uma tintura de sangue ário numa tribo inculta lhe deu certas características necessárias ao seu melhoramento” (Ibidem). Percebe-se a extensão do racismo, não sendo apenas de pigmentação ou

---

<sup>24</sup> Alma ou espírito que passa a nascer em um corpo humano.

<sup>25</sup> Povo que vive ao Sul da África.

cultural, também seria espiritual, argumento similar a doutrina de Allan Kardec<sup>26</sup> para explicar a inferioridade da raça negra em relação a branca, apelando para a frenologia<sup>27</sup> e ciclos de progressos encarnatórios.

O esquema das raças exposta na obra é basicamente, dentro do que nos interessa neste artigo, a ideia de que num passado remoto, uma das *raças-raizes* (primordial) seria a ariana e essa se dividiria em *sub-raças*, algumas destas são a árabe, a persa, a romana e a teutônica, esta última ganhando destaque na descrição por ser adjetivada como robusta, vigorosa, de elevada estatura, rosto formoso, cabeça alargada, cabelos finos e olhos azuis; de caráter persistente, senso prático e sincero (Ibidem, p.219). Os teutônicos eram brancos e superiores aos seus antecessores e se dispersaram pelo mundo em três grandes levas. Os do primeiro grupo se tornaram os sérvios, croatas e bósnios. O segundo, lituânios, letões e prussianos. E o terceiro grupo se tornaram os germânicos. Um trecho deixa mais claro o que seria essa raça superior.

Como suas predecessoras, a sub-raça teutônica tem ainda que estabelecer seu império mundial, cujo começo já presenciamos. O tremendo desatino do século XVIII, que separou da Grã-Bretanha as suas colônias da América do Norte, poderia reparar-se por meio de uma aliança ofensiva e defensiva entre ambas as metades, e outra aliança da mesma índole com a Alemanha, terceiro fragmento da sub-raça teutônica, a fim de constituir um império confederado. Os últimos acontecimentos demonstraram a elevação da Índia ao seu justo lugar nesse dilatado império, destinado a ser tão poderoso no Oriente como Ocidente (Ibidem, p.220-221).

Percebe-se aqui, e na segunda parte inteira do livro, que as previsões do futuro estavam totalmente baseadas no presente vivido pelos autores, onde ocorria a forte presença imperialista da Inglaterra no mundo todo. A ideia era que o projeto da Sociedade Teosófica seria, segundo os comandos de *Manu* e dos mestres da

---

<sup>26</sup> KARDEC, Allan. Revista Espírita, Ed. FEB, ano V. Nº4, 1862, p. 148-151; e KARDEC, Allan. A Gênese, Ed. Lake, São Paulo, 1ª edição, comemorativa do 100º aniversário, p. 187.

<sup>27</sup> No tempo do fundador do Espiritismo, a Frenologia era uma ciência que estava em voga e consistia no estudo das faculdades humanas a partir da configuração craniana. Desenvolvida pelo médico e anatomista alemão Franz Josef Gall (1758-1828), chegou a causar polêmica nos meios acadêmicos da época.



*Fraternidade de Luxor* ou *Fraternidade Branca* (GOODRIK-CLARKE, 2007, p. 73), ou ainda a *Grande Irmandade* (LUBELSKY, 2013, p.348), que seus membros fossem os organizadores da sociedade do futuro, levando a humanidade à perfeição, essa sociedade começaria um pouco isolada e depois faria diversas alianças com outros países (Ibidem, p.240). Notamos aqui uma espécie de messianismo dentro da influência cristã que Leadbeater e Besant fortaleceram no grupo, onde os teosofistas seriam grandes líderes e que espalhariam a verdade e civilidade ao mundo todo, um discurso bem etnocêntrico e nacionalista, pois estes classificam a Inglaterra como o centro de irradiação dessa civilidade, promovendo um plano utópico totalmente relacionado com o projeto de dominação mundial dos britânicos durante o século XIX.

Leadbeater também classificou as raças criadas por *Manu*, como sendo a raça ária-pura (branca) a primeira; a segunda seria ária-tolteca (avermelhada) e em terceiro (amarela) a ária-mongólica, nota-se a ausência dos negros nessa classificação (Ibidem, p.229). Leadbeater desenvolveu uma estrutura geopolítica da raça do futuro e seu modo de vida, onde todos descenderiam fisicamente de *Manu*, todos estudariam a Teosofia em templos piramidais e coloridos, com uma religiosidade cristã. Não existiriam tribunais nem força policial por não serem necessárias (Ibidem, p. 242-280).

No capítulo 26, além de descrever como seriam as casa e edifícios, logo ao início, o autor esclareceu sobre a raça da população desse futuro dizendo que “será uma Raça branca, embora haja, em seu meio, indivíduos com cabelo e olhos mais escuros e compleição espanhola ou italiana”. Também diz que as pessoas serão muito altas, no mínimo com 1,85 m de altura e seriam em maioria vegetarianas<sup>28</sup> (p. 282).

O idioma universal seria o inglês e os países da Europa estariam em confederação, como um parlamento, isto seria obra da nova encarnação do antigo imperador romano Júlio César. Diz que Londres ficaria muito maior, Paris mais aberta,

---

<sup>28</sup> Ideias dos autores melhor explanadas na obra *Vegetarianismo e Ocultismo*, Editora Teosófica, 1995. Também conferir a construção de uma ética ocidental própria, inspirada no budismo e hinduísmo, no não consumo de carne, em FRANCO, Eduardo Ferraz. Schopenhauer e o vegetarianismo. Revista *Lampejo*, nº4, 2013, p.47-53.

com ruas alargadas; a Índia erradicaria a fome e haveria mais mistura nas classes superiores, porque estes haveriam entrado em matrimônios numerosos com as raças brancas e acabariam com as castas (p. 300-308). Tais projeções possuíam uma inclinação política no sentido de desenvolver melhores relações com os grupos indianos que lutavam contra o imperialismo britânico, o que resulta na eleição de Besant a presidenta do Congresso Nacional da Índia em 1917 (LUBELSKY, 2013, p. 350). Contraditório não é? Porém a ideia não parecia de total rompimento com a metrópole ou sua influência cultural e sim o fim de uma cultura materialista e atrasada que passava a dominar a cultura indiana, que estaria perdendo a sua filosofia antiga.

Na República de Platão, na literatura de Thomas Morus (LOPES, 2004, p. 139) e a literatura romântica do século XIX, que abordamos no início deste artigo, tem em comum a elaboração ficcional sobre sociedades ideais, E. Said na obra *Cultura e Imperialismo* (2011, p.184-185) diz que a dominação modela as culturas metropolitanas de muitas maneiras, passando pela ficção, filosofia, retórica histórica e cultura popular. Utiliza o exemplo de estruturação curricular do sistema educacional da Índia sobe domínio britânico, onde as crianças aprendiam, além do inglês, conteúdos que explicavam as diferenças das raças e culturas de desenvolvimento desiguais, o autor apresenta um dos defensores dessa educação, Charles Trevelyan, que acreditava que os indianos viviam em corrupção e sua sociedade era de caráter feudalista, por tanto, necessitavam do governo britânico como a república platônica, para despertar nos súditos indianos a civilidade. Da mesma forma como Blavatsky afirmava que o governo britânico era a melhor coisa que havia acontecido à Índia, pois esta daria um salto no seu desenvolvimento. Helena por ser russa, chamou a atenção do governo britânico, quando esta residia na Índia, pois na época disputavam territórios com a Rússia na Ásia, acreditavam que ela poderia ser uma espiã, para rebater essas acusações alegava, em periódicos locais, que o governo britânico era a melhor coisa que havia acontecido para a Índia, algo que muitos indianos discordaram, tanto que o

envolvimento da S.T. com o *Arya Samaj*<sup>29</sup> eram tensos e confusos, pois os religiosos indianos buscavam alianças com estrangeiros para criticar a dominação britânica (GOODRICK-CLARKE, 2007, p. 122; SINNETT, 1886, p.244).

Vários outros movimentos tiveram Blavatsky como inspiração, Goodrick-Clarke (2008, p. 225-227) destaca alguns desdobramentos como, a posterior criação da *Antroposofia* por Rudolf Steiner, um austríaco que foi um dos presidentes da S.T. da Alemanha no início do século XX. Nas obras de Goodrick-Clarke, *The Black Sun* e *The Occult Roots of Nazism*, há extensa investigação sobre o pangermanismo, antissemitismo e as linhas de crenças esotéricas que influenciaram as bases ideológicas do nazismo. Basicamente, podemos destacar o austríaco Guido Von List, que ao fim do século XIX e início do XX, ficou famoso por suas posturas críticas ao cristianismo, discursos nacionalistas e pangermânicos, que ficaram conhecidas como *Armanismo* (GOODRICK-CLARKE, 2002, p. 59-64).

Outro da mesma época e região foi Lanz Von Liebenfels, um admirador das ordens de cavalaria e ocultismo, desenvolveu ideias sobre a luta entre o bem e o mal caracterizados como as raças brancas contra as negras e asiáticas. Sua literatura era bem ligada ao *darwinismo social*, na intenção de organizar e dar voz científica ao seu racismo com bases cristãs, chamou suas ideias de *Ariosofia*, a “sabedoria dos arianos” (Ibidem, p.90-125). Esta se baseava na visão cíclica da história e categorias de raças da Teosofia de Blavatsky e seus sucessores, além da mitologia nórdica que seria o alicerce para o nacionalismo austríaco, exaltando as origens ario-germânicas e deuses teutônicos, além do ódio aos judeus (Ibidem, p.79). Goodrick-Clarke também apresenta ligações diretas de Lanz com os artigos da revista *Ostara*, nos anos de 1908, onde discursava sobre as crenças em Atlântida e Lemúria, além das teorias raciais e na autoridade das leis de *Manu*, criticando a ascensão das “raças inferiores”, ou seja, uma ascensão social dos negros, ciganos e judeus (GOODRICK-CLARKE, 2002, p.98-101).

---

<sup>29</sup> Grupo político e religioso indiano fundado em 1875 por Swami Dayananda, que pregavam a supremacia dos Vedas.

Adolf Hitler foi leitor desta revista e abraçou preceitos da *Ariosofia* e da *Sociedade de Thule*, que pregavam a suástica e a águia como símbolos nacionais; a existência de uma energia psico-física chamada *Vril* (também debatida por Blavatsky em *Ísis sem Véu*), além de acusar as chamadas “raças inferiores” de culpadas dos problemas socioeconômicos da Alemanha e Áustria, principalmente após a Primeira Guerra Mundial (Ibidem, p. 192-204). Gary Lachman (2014, p.210-215) também aborda a relação dos mesmos autores com a Teosofia, porém tenta defender Blavatsky a distanciando das ideias radicais fascistas.

No Brasil, a S.T. foi fundada no Rio de Janeiro em 1919 por Raimundo Seidl, atualmente o presidente nacional é Marcos Luis Borges de Resende e a sede fica na cidade de Brasília<sup>30</sup>. Outro grupo que se desdobrou da Sociedade Teosófica no século XX, na América Latina foi a Organização Nova Acrópole, fundada em 1957 por Jorge Angel Livraga Rizzi, um argentino que se afastou da Sociedade Teosófica da Argentina e fundou uma associação de filosofia aos moldes da S.T. mas com uma maior ênfase no trabalho voluntário e artístico; a sede no Brasil se encontra em Brasília (MONTEIRO, 2012, p. 19).

### **Considerações finais**

A russa Helena Blavatsky foi uma mulher de seu tempo, inspirada em Max Muller, Allan Kardec, Eliphas Lévy, em grupos organizados como as várias maçonarias e rosacruzes, se esforçou para compilar um grande número de informações sobre religiões antigas e para criar sua própria doutrina com base na convergência de várias tradições diferentes que poderiam ser interpretadas pelas suas chaves conceituais, sendo a teoria das raças uma dessas chaves que explicariam a temporalidade evolutiva dos seres no planeta terra, carregando em sua literatura vastas referências a outros escritores e personagens de sua época, o que gerou muitos

---

<sup>30</sup> Cf. site oficial da S.T. do Brasil <http://www.sociedadeteosofica.org.br/> acessado em 24 de Outubro de 2015.

conflitos e críticas, deixando a S. T. com seus fiéis seguidores, que desenvolveram cada vez mais suas ideias seguindo as correntes ideológicas eurocêntricas do século XIX e XX, influenciando e competindo com diversos outros movimentos ocultistas, artísticos e políticos. Sempre tentando provar por discursos pseudocientíficos suas propostas de um mundo correto e que suas afirmações religiosas não eram apenas religiosas.

Helena não apresentou nenhuma ideia de extermínio de povos asiáticos ou africanos, porém o racismo e a exaltação de um passado mítico fizeram parte de um contexto histórico compartilhado por diversos místicos, cientistas e artistas que acreditavam numa superioridade da raça e cultura europeia branca. Os movimentos mais conhecidos que herdaram a cosmovisão teosofista foram a Antroposofia, Ariosofia, Armanismo, Organização Nicholas Roerich, Eubiose, Sociedade Teosófica Brasileira e Nova Acrópole, grupos ainda existentes hodiernamente.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Trad. De Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 11-76.

BARROS, José D'Assunção. *Os Tempos da História: do tempo mítico às representações historiográficas do século XIX*. Revista Crítica Histórica, ano 01, nº2, 2010. Disponível em: <http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/72/OS%20TEMPOS%20DA%20HISTORIA.pdf> Acesso: 12/04/2015.

BARBOSA, Renata Cerqueira. *A Inglaterra Vitoriana e os usos do passado: Literatura e Influências*. Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: "Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior", UNESP/Assis, 2007. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/Home/Eventos/SemanadeHistoria/renata.PDF> Acesso em: 13/06/2015.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BESANT, Annie Wood; LEADBEATER, Charles W. *A visão teosófica das origens do homem: um ensaio sobre antropologia esotérica*. Trad. Joaquim Gervásio de Figueiredo. São Paulo: Pensamento, 2009.

BLAVATSKY, Helena Petrovna. *A sabedoria tradicional: os registros da ciência dos iluminados. A chave da teosofia*. Trad. Eudaliza Da, 4ª ed. Hemus Editora Ltda. 1982.

\_\_\_\_\_. *Síntese da Doutrina Secreta. Introdução, seleção e tradução de textos por Cordélia Alvarenga de Figueiredo*. Ed. Pensamento, São Paulo, 1992.

\_\_\_\_\_. *Ísis sem véu: uma chave mestra para os mistérios da ciência e da teologia antigas e modernas*. Vol. I. São Paulo: Ed. Pensamento, 1995a.

\_\_\_\_\_. *Ísis sem véu: uma chave mestra para os mistérios da ciência e da teologia antigas e modernas*. Vol. II. São Paulo: Ed. Pensamento, 1995b.

\_\_\_\_\_. *Ísis sem véu: uma chave mestra para os mistérios da ciência e da teologia antigas e modernas*. Vol. III. São Paulo: Ed. Pensamento, 1995c.

\_\_\_\_\_. *Ísis sem véu: uma chave mestra para os mistérios da ciência e da teologia antigas e modernas*. Vol. IV. São Paulo: Ed. Pensamento, 1995d.

\_\_\_\_\_. *A Doutrina Secreta: síntese da ciência, religião e filosofia*. Vol. III. Antropogenese. 7<sup>o</sup> Ed. São Paulo: Pensamento, 1998.

BRITO, Bruna Perrella. *Alice no País das Maravilhas: Uma crítica à Inglaterra Vitoriana*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português Inglês) - Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2007.

CAMPOS, Marcelo Leandro de. *História da religião e esoterismo: uma síntese historiográfica e metodológica*. Anais do XVI encontro de história regional da Anpuh-Rio – Saberes e Práticas Científicas. Julho-Agosto de 2014.

CANDIDO, M. R. (Org.). *Memórias do Mediterrâneo Antigo*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2010. Disponível em: [http://www.nea.uerj.br/publica/e-books/memorias\\_do\\_mediterraneo.pdf](http://www.nea.uerj.br/publica/e-books/memorias_do_mediterraneo.pdf) Acesso em: 20/06/2015.

DOYLE, Arthur Conan. *A história do espiritismo*. São Paulo, Editora Pensamento, 2008.

ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas* Vol. I: da Idade da Pedra aos Mistérios de Elêusis. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. *História das crenças e das ideias religiosas* Vol. II: de Gautama Buda ao triunfo do cristianismo. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. *História das crenças e das ideias religiosas* Vol. III: de Maomé a Idade das Reformas. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

GAZZINELLI, Gabriela. *Fragmentos Órficos*, Ed. UFMG, 2007.

GIL, Marcelo Freitas. *A inserção do espiritismo no universo cultural europeu: uma análise panorâmica*. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano II, n. 6, Fev. 2010. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf5/texto8.pdf> Acesso: 19/04/2015.

GOODRICK-CLARKE, Nicholas. *Black Sun: Aryan cults, esoteric Nazism and the politics of identity*. New York University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. *The Occult roots of nazism: secret arian cults and their influence on nazi ideology*. Tauris Parke Paperbacks, 2004.

\_\_\_\_\_. *Helena Blavatsky; Coleção Mestres do Esoterismo Ocidental*. Editado por Wagner V. Costa; Trad. de José Arnaldo de Castro. São Paulo-Ed. Madras, 2007.

\_\_\_\_\_. *The western esoteric traditions: a historical introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

HANEGRAAFF, Wouter J. *The globalization of esotericism*. Correspondences 3, 2015, p. 55-91.

JINARAJADASA, Curuppumullage. *Cartas dos Mestres de Sabedoria*. Editora Teosófica, Brasília, 1996.

LACHMAN, Gary. *Madame Blavatsky: a mãe da espiritualidade moderna. Uma biografia*. Trad. Marcelo Borges. 1ªed. São Paulo: Pensamento, 2014.

LACOMBRE, Marcos S. Masset. *Modernismo e Nacionalismo: o jogo das nacionalidades no intercâmbio entre o Brasil e Alemanha*. Perspectivas, São Paulo, v.32, p. 149-171, jul./dez. 2008.

LEADBEATER, Charles W. *Salvo por um Espírito: histórias verdadeiras do mundo oculto*. Trad. Nair Lacerda. São Paulo- Ed. Pensamento, 1991.

LOPES, Marcos Antônio. *Uma história da ideia de utopia: o real e o imaginário no pensamento político de Thomas Morus*. História: Questões & Debates, Editora UFPR, Curitiba, n. 40, 2004, p. 137-153.

LUBELSKY, Issac. *Mythological and real races issues in Theosophy*. In: HAMMER, Olav; ROTHSTEIN, Mikael. Handbook of The Theosophical Current. Leiden, Boston, 2013, p. 335-355.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A modernidade republicana*. Tempo. Niterói: 13 (26), 2009.

MATEUS, Gabriel. *A construção do lugar acadêmico dos estudos sobre esoterismo: a saída de uma quarentena*. Editorial, Revista Lusófona de Ciência das Religiões– Ano X, 2013, p.11-25.

MONTEIRO, Anita Cunha. *A oferta de sentido da Nova Acrópole em Brasília: uma perspectiva sociológica*. Revista Senso Comum, nº02, 2012, p.18-33.

OLCOTT, Henry Steel. *Raízes do Oculto: a verdadeira história de Madame H. P. Blavatsky*. Tradução de Alcione Soares Ferreira. – São Paulo: IBRASA, 1983.

\_\_\_\_\_. *People from The Other World*. Americam Publishing Company, 1875. Disponível em:

[http://blavatskyarchives.com/theosophypdfs/Olcott\\_People\\_from\\_the\\_Other\\_World.pdf](http://blavatskyarchives.com/theosophypdfs/Olcott_People_from_the_Other_World.pdf) Acesso: 08/08/2014.

PESAVENTO, Sandra, Jathaya. *Relação entre História e Literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX e XX)*. Anos 90. Porto Alegre, nº 4, dez. 1995.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. *Cultura e Imperialismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 9-295.

SILVA, Marcos José Diniz. *República e “religião social”: maçons, espíritas e teosofistas no espaço público cearense*. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais, vol.7, ano VII nº 3 Set./Dez. 2007. Disponível em: [www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br) Acesso em: 20/04/2015.

\_\_\_\_\_. *Questão Social é “Problema Moral”: militância moderna-espiritualista e trabalhadores no Ceará das primeiras décadas do século XX*. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 8, Set. 2010. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/n8-2010.html> Acesso em: 20/04/2015.

SINNETT, Alfred P. *A vida de Helena Blavatsky*. Trad. M. P. Moreira Filho; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.

SIQUEIRA, Deis. *Novas religiosidades na capital do Brasil*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 14(1): 177-197, 2002.

\_\_\_\_\_. *O labirinto religioso ocidental. Da religião à espiritualidade. Do institucional ao não convencional*. Sociedade e Estado, Brasília, v. 23, n. 2, p. 425-462, maio/ago. 2008.

SCHORSKE, Carl. *Pensando com a História: indagações na passagem para o modernismo*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SCHRENCK-NOTZING, Albert von. *Phenomena of Materialisation: A Contribution to the Investigation of Mediumistic Teleplastics*. London & New York, 1923. Disponível em: <https://archive.org/stream/phenomenaofmater00schr#page/n405/mode/2up> Acesso: 03/12/2015.

SCHWARZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Cleyton Tavares da Silveira. *Entre os gregos e eles mesmos: um ensaio sobre identidade e alteridade em A República dos Lacedemônios de Xenofonte*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH; São Paulo, julho 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300889626\\_ARQUIVO\\_TextoCompletoCleytonSilva.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300889626_ARQUIVO_TextoCompletoCleytonSilva.pdf) Acesso em: 05/12/2015.

VIEIRA, Rafaelle de Oliveira. *O discurso de outrem como forma de posicionamento ideológico: as contribuições de Bakhtin/Voloshinov para uma nova pragmática*. Anais do SILEL. Volume 2, número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: [http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011\\_226.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_226.pdf) Acesso em: 16/05/2015.



VON STUEKRAD, Kocku. *Esoteric Discourse and the European History of Religion: In Search of a New Interpretational Framework*. Western Esotericism. Scripta Instituti Donneriani Aboensis, vol. 20, 2008. Disponível em: <http://ojs.abo.fi/index.php/scripta/article/view/398/1176> Acesso em: 10/05/2015.